

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

FUNDADA POR VALENTIM MAGALHÃES

ANNO IV

RIO DE JANEIRO, 17 DE MARÇO DE 1888

DIRECTOR—L. CABRAL

VOL. IV—N. 165

REDACÇÃO E TYPOGRAPHIA — RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

REDACTORES

Drs. Franklin Tavora, Augusto de Lima,
Urbano Duarte,
Leopoldo Cabral e Candido Jucá

GERENTE

Ismael Marinho Falcão

SUMMARY

Expediente.....	
A «Semana».....	Glob
História dos sete dias.....	
Estancias philosophicas.....	Augusto de Lima
Poesia.....	Lahore
Na Serra.....	Olavo Bilac
Da Via-lactea, soneto.....	Domicio da Gama
Scherzo.....	João Barbosa
A roza, soneto.....	V. Magalhães
Guilherme I.....	Fern de Suckow
Sonhando, poesia.....	Candido Jucá
Um pessimista.....	J. Moraes e Silva
A Esperança, soneto.....	Emmanuel Carneiro
La terre do Zola.....	Carlos Froim
Recordação, soneto.....	Kiuniger
O grumete Nogueira.....	R. Theophilo
Contos populares, poesia.....	Virgilio Varzea
Um dia no campo.....	Depois de partir, soneto.....
Omah.....	Flauto Flores
Vitando ruínas, soneto.....	Pedro Rabello
Factos e noticias.....	
Theatros e diversões.....	
Diversas publicações.....	
Anuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS CORTE E NUTHEROY

Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000
PROVINCIAS	
Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

A empreza roga encarecidamente aos Srs. assignantes em atrazo a fineza do satisfazerem os seus debitos para evitar interrupção na remessa da folha.

O pagamento de assignaturas pôde ser feito por intermedio das agencias do correio.

São agentes litterarios da *Semana* os Srs.:

Dr. Virgilio Brigido e J. J. de Oliveira & C., no Ceará.
J. Verissimo de Mattos, nas cidades de Manaus e Belem.
Dr. José Isidoro Martins Junior, na cidade do Recife.
Max Fleuss e Octavio Mendes, na cidade de S. Paulo.
Virgilio Varzea, na cidade do Desterto.
F. Xavier Marques, na cidade da Bahia.

BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offerecemos um dos seguintes livros como brinde:

— *Symphonias*, versos do Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Assis.

— *Poemas e Idylls*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adellina A. Lopes Vieira.

— *Mariposas* de J. Moraes Silva.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offerecemos um dos seguintes livros como brinde:

— *Pampanos*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza

A SEMANA

O nosso companheiro do trabalho e gerente d' *A Semana*, o Sr. Ismael Marinho Falcão, seguirá nestes dias para as provincias de Minas Geraes e São Paulo.

Negocios particulares desta folha, suas cobranças, e alargamento de sua divulgação derão a razão de ser, neste momento, da viagem do nosso gerente.

Encarecemos aos nossos illustres assignantes e amigos todo o apoio e coadjvação de que possa precisar o nosso amigo Falcão, pelo que floaremos agradecidos.

O artigo que hoje publicamos do nosso collaborador e fundador d'esta folha, Dr. Valentim Magalhães, faz parte do n. 7 das *Notas á Margem*, que hoje será distribuido. E' pois, inteiramente inédito. Agradecemos ao autor a antecipação que nos permittiu fazer d'elle no numero da sua interessantissima revista quinzenal, em que tem de apparecer.

HISTORIA DOS SETE DIAS

O Sr. conselheiro João Alfredo conseguiu, finalmente, organizar o ministerio de que é presidente, e, forçosamente, difficilmente conseguiria S. Ex. formar outro tão digno de attenção e de respeito como o que constituiu.

Na pasta do imperio está o Sr. Costa Pereira, talento de primeira plana, illustração profunda, que tem conseguido na Camara posição sempre eminente pela sua prudencia, circumspecção e conhecimentos.

Na da Justiça, o Sr. Ferreira Vianna, o popular tribuno parlamentar, o jurisconsulto notabilissimo, o homem de espirito invencivel, que consegue sempre triumphar da causa mais ingrata, pelo brilhantismo da palavra, pelo vigor e colorido da phrase.

Na da guerra, o Sr. Thomaz Coelho, ex-ministro da agricultura na situação com-erradora passada, cavalheiro de notavel intelligencia, illustrado, independente e patriota.

Na da guerra, o Sr. Vieira da Silva, o modesto senador maranhense, uma das nossas glorias parlamentares, pela extraordinaria pujança do talento, pela profundissima illustração, pelas suas qualidades apreciabilissimas de orador.

O Sr. João Alfredo tendo por companheiros na direcção da não, homens como esses, e mais o Sr. Antonio Prado, de certo a levará a bom porto e a salvamento.

Uma duvida, entretanto, assalia-me o espirito: serão solidarios sempre, o em tudo, os novos ministros? Na questão religiosa, por exemplo, o Sr. Ferreira Vianna — orthodoxo — dará as mãos aos Srs. Vieira da Silva e João Alfredo? No grande golpe que é mister ser dado na escravidão, os Srs. Thomaz Coelho, Costa Pereira e também o Sr. Ferreira Vianna, estarão dispostos a empanhar a faca? Não quero, com isto, suppor que haja, em pouco, dissensões no ministerio; exprimo, apenas, esta duvida uma duvida maior ainda: que não está, talvez, fadado ao conselheiro João Alfredo, cortar o nó gordio da questão abolicionista. Não affirmo, não nego; duvido. Como quer que seja, porém, eis constituido o ministerio; um bom, excellent ministerio, que, indubitavelmente, muitos e grandes beneficios ha de fazer ao nosso paiz.

Nunca suppoz o pobre e simples grumete André Nogueira que algum dia o seu nome andasse de bocca em bocca, como o de um heroe, ou como o de um martyr; para isso, no entanto, é mister tão pouco, que elle, com o simples facto de ter saudades da velha mãe e do seu pequeno torrão, e por ter, como um personagem de magica, deixado trucidar-se e depois, dos seus proprios fragmentos, constituir-se integralmente, vê-se hoje cantado e decantado, elevado ao settimo céu e ao mesmo tempo rebaixado ao nivel mais raso, justamente como acontece ao homem de merito verdadeiro...

O grumete foi assassinado e surge, são como um péro, em Rezende. Mas então como é isso? Que mysterio ha em tal historia?

O alferes Santos, testemunha occular do crime, teria sido victima de alguma allucinação? Ou o grumete assassinado era outro que não o pobre André? Eu não posso atinar com a verdade, como

neredito que ninguém com ella atinaria; mas tenho convicção de que a verdade ha de apparecer, como appareceu o André Nogueira.

Sem que tenha feito tanto escandalo como o assassinato de André Nogueira, não tem, contudo, deixado de chamar a attenção publica o do Paão Barroca, um typo felicissimo, que tirou a sorte grande uma porção de vezes. Barroca ora, pelo que se diz, um sujeito de baixa extracção, naturalmente acostumado a soffrer todos os rigores de uma posição infima, sem dinheiro, sem conforto, e, talvez mesmo, curtindo fome. Um dia teve uns magros mil réis e tentou centuplicar-os: atirou-se á loteria. Tão feliz foi o diabo que a roda, no seu gyro inconsciente, parou no numero que lhe pertencia, e Barroca conseguiu o que almejava.

Depois, como é natural, tendo vinte contos almejou ter cincoenta, e comprou novo bilhete: nova viravolta da roda, e outra sorte para o Barroco.

O homem, prudente antes de tudo, não alterou na vida: conservou por amante a mesma negra que com elle partilhara a miseria; não transferia para o *Globo*, as modestas refeições que fazia no *fregre proximo*; não encomendou ao Raulnier roupa que substituísse o seu ralado *jaleco* de zarte, ou as suas calças de brim, já remendadas e sem cor. Continuou, como antes, a convidar os amigos a tomarem o seu copito de *maduro*, e, como antes, manteve o mesmo aspeito na estalagem.

Como, porém, o *cobre* arranjado chegava de sobra para fazer-se representar de rico na terra, elle resolveu-se a partir. Mas como fazê-lo, sem que lhe cahissem em cima os parentes, os amigos, o amante? *Argentum in dubio est*, pensou elle: isto é, vou, mas llevo-me o rico dinheiro, e eu não estou por essa. E, então, o Barroca lembrou-se de um meio: *assassinar-se*. Tiroo as calças, o paletot, a ceroula, a camisa, as meias, as botinas (até as botinas!) *boreifera* lhas saugas, retallhou-as á navalha, sahou-se.

Alguns affirmam que isto assim não foi, e que houve assassinato; outros, e eu com elles, supponnos que o facto é como eu narrei, e que o Barroca está vivo e... longo.

Como quer que seja, tenho esperanças agora, de poder tirar ao menos uma vez, uma sorte qualquer, com o desapparecimento do monopolizador das sortes grandes. Boa visgem. Rothschild em perspectiva!

Em Alagoas foi assassinado, em logado de policia que é o terceiro a quem tal acontece. Não aspiral nunca á honra de ser collega do Sr. Dr. Raulnier Cordeiro, mas agora principalmente.

tenho horror a semelhante cargo. A prelei que é de sangue de defegação! D'aqui em diante nenhum cidadão querá tal incumbência com risco de que tentem explorar-lhe o tecido a diposo, ou verificar a penetrabilidade do seu thorax, por meio de uma navalha, faca, ou bala de revolver.

Antes ser padre... Acadêmico.

Uma victima, digna de lastima, o Sr. Capitão Penha, imagine o leitor que ainda hoje, neste tempo, não morreram as manifestações a ele...

O Capitão Penha, uma verdadeira preta, no caracter e no coração, foi covardemente agredido por uma horda de barbaros que empregaram como arma de ataque o seu retrato a oleo... Pobre Capitão, excellent capità! Lamento que o houvessem assaltado, mas... applaudo sinceramente a manifestação de que foi alvo.

CEVE

NA SERRA

Bertha voltou-se sorrindo:

— Bem via que eras da minha opinião. Devemos ir; não acas papae?

O velho Rogerio que não parecia muito satisfeito com ter que conduzir com este capricho, que o arrancava aos seus camarões, apparecia comicamente por entre as grandes orelhas de um paciente burrinho, em que se encostava o seu corpo de sexagenário rhuquantico.

A impassibilidade, de que se revestia o seu rosto pallido e pouco intelligente perturbou-se n'um meio sorriso quando a filha convide-o para voltar; sorriso que transformou-se n'uma carota mal disfarçada ao ouvir-lhe as ultimas palavras.

Não obstante, deu de redea a sua azemela e foi seguindo caminho da serra, acompanhado da envaigada pittoresca. Ião silenciosos. A não ser, a longos intervallos, uma maxima do velho a proposito de que elle não dizia, nem ninguém pensava, e o constante ruido das patas dos animaes nas pedras do caminho, nada mais perturbava o morno silencio da viagem, feita de baixo de um sol de meio dia.

Subiu lentamente. O aspecto geral da montanha ia-se modificando a cada ponto de vista. O que de longo, do fundo do vale, parecia um pequeno acedente confundido nas grandes linhas do conjunto, era ao perto uma anfractuosa escabrosa, um socavão medonho, vertiginoso alcañil.

Os viajantes sentio-se pequenos ao pé d'aquellas grandezas. O caminho tortuoso serpenteava como bravia sucuriá, envolvendo nas suas multiplicadas roscas os rochedos, as tocas, os precipícios; desapparecendo de subito no despenhadeiro; mergulhando na sombra densa do arvoredo; repontando aqui e alli na fimbria da floresta, para alrejar por instantes no dorso das lombadas, e perder-se alem no fundo do valle.

Ao chegar ao alto da montanha, no começo da pequena chapada, tivôro de parar um instante para dar alento aos animaes. A temperatura estava sensivelmente outra. Soprava uma

brisa fresca, que acalmava as agitações da penosa ascensão. Parados, voltáram-se os viajantes para o lado de onde tinham vindo.

Era janeiro. Apenas algumas chuvas haviam cahido. A vegetação que começava a brotar vestia-se de uns tons de verde e cinzento, que fazia contraste com a folhagem secca, de que se cobria o chão, destroços da vida que passara. Andava no ar o aroma dos renovos, saudavel e refrigerante.

A montanha se alongava para os lados como um grande arco. A dexteiza e a esquerda estendia-se com seus precipícios, seus despenhados, seus picos alcañilados, suas lombadas semelhantes ao costado de um monstro informe e desconhecido, que estancara no meio da sua carreira tomada de subito petrificamente.

Pela abertura, entre as duas extremidades do arco, descerolava-se uma paisagem maravilhosa. A inundação luminosa que enchia o valle, a montanha, o céu, os toques da luz destruidos por um sol de meio dia; a villa que se derramava lá baixo na planície; no longe as lagoas q'assemblhe-se a bocaios de leite cahido sobre o manto verde da planície coberta de um tomatisimo pó de luz; alem as cristas reluzentes dos brancos morros, a elni azul do mar, e os vastos sertões longínquos a esconder-se gradualmente na sombra indecisa do horizonte pardo: — tudo isto, tocado de um caracter alpestre, selvagem, tinha um grandioso effeito imprevisito.

Felippe estava, junto de Bertha e admirava com ella a paisagem. Embora crendo nas serras, habitando aquelles golpes de vista, sentia agora ao pé da formosa moça, uma sensação auida e tonificante.

Por intervallos, uma nuvem branca atravessava o céu lançando sobre a montanha uma sombra fresca que se arrastava lentamente para alem.

LAHORE

SCHERZO

De um céu caliginoso entre a monotonia dos pardos tempestuosos surge de repente a evocação de um accordo feigranto a divo Ariel danzando de ouro. Logo a sombra dos graves adoece-se rasga a pur clarões e no ribombar terrífico das coleras divinas succede a cantarella clara dos regatos e o gotejar dos pingos crystallinos e o incendio das pedrarias liquidas que o sol irisa nas frendes rozejantes. Canta Ariel palrando. A garrulice dos ninhos pupilla no seu canto — alucina das almas desopressas dos terrores negros. Hymno ou canção, esperança e aspiração ou saudade, phrasas do mago e arlor, flautas subindo dos gemidos a voz cantante dos clarins stridulos, como uma filigrana de luz sobre penumbra, enche o espaço intermino a tela subtilissima do sylpho, em notas de magia. Ha um fir o vir do estribillo em canto e echo que diz a agitação contente, o laico esvongar de borboleta livre. Ar! ha tanto ar e luz que o desafio da eterna, suprema libertação não será mais beato! O abandono do espirito a delicia de gozar tem a recompensa da embriaguez ineffavel. Nomes cantantes, syllabas sanoras, infinitos de verhos de ação vaga, a inarticulação do desejo gagueja-me na mente. Na mesma nota a alma que canta suspira. Ha uma gaze levissima de melancolia atenuando o brilho excessivo das notas puras. A harmonia faz véu. Em vez da falscação dos diamantes a brancura fosca das perolas serenas. Ea luz diffusa é claridade maior. No resplendor infinito passam trillos vivos, fugaces, como sobre lagos espalhando a festa luminosa das manhães bandos de garças, que o sol nascente doura. Tão altas, tão sem manchas, claras no céu claro, a minima aspiração voa com ellas e fonde-se no nirvana de luz. Sinto-me menos, reduzido no presente, alijado de memorias, simplificado e dividido para as sensações subteis. Sou pluma voando no vento, voluptuosa, sou poeira dourada vo-

litando na valsa aos raios do sol, sou ainda menos, luz ou vibração e vivo na voz de Ariel. E para que eu viva elle não se calla o mago themo, o sylpho triumphante.

Amarolito palha com toques de rosa e bordados arabescos em carmin vivo subindo da clatura no colorido vestiminto-lho o peçoço esguio é o cortejo da pianista e d'elle nasce a sedução da musica. As notas do piano vibram soltas e elle as liga a feição das suas linhas da harmonia. Quando ha linha e cor e relevo só o movimento falta. E cada gesto da mulher que sentos bella é uma poesia. Em cada um d'elles a mestria que não se esquia. Deixei de virar as paginas para admirar-la. Logo a seguinte terminava em compassos de espera para a o guarda. A graça com que moven-se aquella mite pallida, lenta, virando e alisando a pagina esperando e instante do ataque brusco ao fim de harpejos morrentes... Graça typica, não individual. De Georgina adora esse não ser bella em si mas evocar bellezas. Como as formosuras raras ella tem as grandes linhas classicas, correctas, impressões. Mas faltam-lhe os tragos menores, as inflexões que fixam uma individualidade. Ser filha de artista, de um amoroso da forma em belleza multipla, nascer entre pinturas e sonhos de plastica ideal, crescer brincando com estampas, contemplando estatuas, embeber-se de romantismo esthetico a força de viver no artificio, talvez explique esta representação constante de mulheres que não são ella. Seria assim a atriz que eu sonhei. Pianista, ella lembraria a visão de Chopin moribundo. Cantora, declarando, o seu gesto variaria da molizsa enlaçada dos lyllis a repulsa apavorada de Lady Macbeth. E quando como agora no descanso do compasso faciei ella far os olhos redondos para fascinar-me, hesito entre Leonardo de Vinci e Delavoché. Mas como te enganas comigo, Georgina! Musica és tu, maravilhosa sonata! Da ponta dos teus pes movendo-se continuamente em refluxos e abafamentos de som as aneis revoltos do teu cabelo, onde a luz scintilla, ha phrasas infinitas de uma harmonia unica. So tu me facilitarás a evocação rebelde. Agora tocas em vés, domais...

Chifres de insectos na solidão das espessuras sylvestres ouvem-se mais que o clamor terrivel de feridos subindo entre o estrondo das batalhas. Um valor é uma relação. O que vale um tom só pode dizel-o a opposição. Assim da luz, assim do som, assim em todo graduar de sensações. Em plena luz as brancuras opacas irradiam lo effacem, e as transparencias incolores atravessadas de claridade tornam-se invisíveis. Ha um limite ao sentir, que eu attingi. D'ahi por diante o ouvido hallucinado de Beethoven. Mais uma vez me affige a necessidade das sombras para a luz. Os nervos exaustos vibram dolorosamente a volta insistente, irritante, do thema em dez ou doze notas, todo nu e descorado, como um que volta das illusões. Em quinze paginas de musica as explosões illuminantes casam e uma claridade crua e despoetizante mostra-me em forma de morengo lugubre, de azas fuscas e membranas, o meu hymno de alegria e luz, o ideal Ariel de azas de ouro.

15 de Março.

DONICHO DA GAMA

ESTANCIAS PHILOSOPHICAS

(DO ALBUM DE UM PESSIMISTA)

IV

A pragmatica real do despotismo culto prescreve, entre milhões de normas que delinhe, que diante d'EL-Rei o subdito se incline, porque um ditaminado, o outro assume mais vulto.

Tu, liberdade, não! Planeta sempre novo, tens o engasto no céu da consciencia humana; por isso a tua luz serena e soberana se eleva tanto mais, quanto mais alto é um povo!

V

Dizes o sublime Mestre (antes nunca o disseste!): «Não saiba a mão sinistra os bens que a dextra presta.» Veio a Philantropia e para ser modesta, com a mão direita occulta em publico apparece.

Disseste o mal, ó Christo: a caridade ufana de renome molhor derrama os beneficios; mas quizesse riscar do numero dos vícios em prol do beneficeitor, a ingratiidão humana.

AUGUSTO DE LIMA

A ROSA

Ka sou a rosa, olhai; a encantadora flor,
Que exprime a mocidade e exprime a graça e a vital
Sou de todas, a flor mais bella e mais querida,
Seja pela arrogancia, ou seja pela cor.

Guardo dentro de mim o virginal calor
De um seio de mulher, a nota recolhida
De um poema ignoto e que a amar convida
As almas que se fartam á grande luz do amor!

Abro aos raios do sol as pétalas vermelhas
E meu aroma atrahê os beijos das abelhas
Que n'um enxame febril voejam pelo ar...

E quando vom a noite e a solidão se espalha,
Tristemente suspiro e após mea ser dormia
Banha-lo pela luz narcotica do luar!

JOÃO BARBOSA

GUILHERME I

A morte de Guilherme I, rei da Prússia e Imperador da Alemanha não podia ser e não foi uma surpresa: era um nonagenário. O que admirava era que vivesse ainda um homem que tanto havia lutado e trabalhado; que pudesse funcionar, e regularmente, aquella velha machina humana, em actividade constante quasi um século, movida incessantemente por todas as pequenas paixões de um gr. não rei, que não foi um grande homem.

Particularidade curiosa na biographia de Guilherme I: — foi uma criança debil, de franzina compleição, de quem se não esperava pudesse viver longamente; morreu, no entanto, quasi secular, occupando na Historia o lugar do monarcha do mais longa existencia. Quem fez tal milagre? O trabalho. Aquelle principe delicado e fragil não conheceu as mollezas opulentas dos principes ociosos. Aos dez annos era soldado.

A desastrosa guerra franco-prussiana, leviana e criminalmente declarada por Napoleão III em 1870, prudente e matreiramente prevista e preparada por Guilherme I, essa guerra foi o resultado logico, inflectivel da grande dor que soffreu o principe menino vendo sua patria derrotada em Iena, em 1806, e Napoleão, o Grande, invadir e occupar Berlim com suas tropas victoriosas. A invasão e occupação de Paris, a victoria final sobre a França, em Sedan, entraram desde aquelle memoravel instante historico na ferrea vontade do joven principe: — era a desforra, necessaria, imprescindivel, fatal para a sua alma orgulhosa e inflexivel e para o seu coração patriótico. Aos treze annos combatia ao lado de seu pae.

Sua constituição, inquietadoramente debil, tonificou-se e enrijeceu com o cheiro da pólvora e do sangue e com os exercicios militares. Além de que elle precisava de viver muito, para

lutar a desforra contra a patria de Mussot!

Kase nonagenario foi em toda a sua dilatada carreira — um victorioso e um feliz. Soude querer; — virtude rara e preciosissima, força inenunciavel e sagrada! Além dessa virtude soberana — saber querer, teve uma outra — o «descarado heroismo de agimar», que, batendo na Terra com pé forte, ou pallidamente elevando os olhos ao Céu — cria, através da universal illusão, Sciencias e Religiões. (*)

Teve o «descarado heroismo» de affirmar que havia recebido a coroa da Prússia das «proprias mãos de Deus», que era rei por direito divino. Chusquearam d'elle; houve revoltas, protestos e motejos, mas elle acabou sendo rei da Prússia e imperador da Alemanha, realmente, de facto, por direito divino.

Em toda a sua vida só uma desventura se lhe conhece: — amava apaixonadamente a uma mulher, a princeza Eliza Radziville e foi obrigado por poderosas razões de Estado, a tomar estado com outra.

No seu coração o amor da patria e a ambição do poder superavam e absorviam todas as sentimenções, não deixando lugar para o amor, o amor da mulher, o «puro amor» de que falava tão suavemente o cantor de Nethercia.

Está morto o grande rei, o unificador da Alemanha, como o foi Victor Manuel da Italia; mas o seu braço forte o seu alter ego, o «chancellor de ferro» continua chancelier e de ferro. O kronprinz Frederico Guilherme, successor de seu pae, sob o nome de Frederico III, já manifestou, por meio de uma carta e de um abraço, que precisa de Bismark e que não dispensa os seus grandes serviços. Quer isto dizer que é licito suppor a continuação da mesma politica tentonica e, portanto, da mesma politica europeia.

VALENTIM MAGALHÃES.

(*) Ega de Quic-zoz. A Reliquia; pag. ultima.

SONHANDO

Canta, eu sorço o fino cortinado
Que vê-me ao olhar um alvo leito:
Um louro angulho dorino socgado
O semno da innocencia, calmo o peito.

Cova-lhe a face um cantido sorriso
Que o rosto de luz branda lhe illumina.
Que aures senho lhe entrobre o paraiso,
Entreabrindo-lhe a bocca pequenina?

Sonhe talvez com perfumados ninhos,
Entrevistos no arbusto em manhã clara,
E pensa em vóz, sonoras p'as arinhas,
Que com meigas caricias afagára.

Feliz idade, a da innocencia pura,
Em que a sorle a um iris de Alliança,
Consente e manda á mesma creatura.
Ser passaro, ser anjo e ser creança.

VERA DE SUCKOW

UM PESSIMISTA

(Ao Dr. Borges Carneiro)

O Dr. Macedo foi o pessimista mais extremado que eu já conheci em toda a minha vida. E digo pessimista na significação mais ampla do termo.

Longo tempo de convivência íntima facultou-me o conhecimento absoluto do tão estranha organização.

Macedo também salientava-se pelo physico. Era alto, lido, anguloso e escafeirado. Quasi romantico. Cabeça anfractuosa e fronte protuberante. Os seus olhos, fundos e vastos, tinham o brilho intermitente e reverberativo de carvões accesos. Em crises de sossebro íntimo esses dois espelhos reflectiam com uma expressão trágica o assumo intenso que lhe vibrava toda a alma num estremecção de colera ou de paixão. Tardo no andar, porém de uma loquacidade fremente, incendiaria. Feio como o peccado. A sua idade orgava pelos quarenta. Uma especie de selvagem catechizado. Morreu do pulmão, ha coisa de tres annos. O Dr. Silveira accrescentava que elle também soffria do coração.

Macedo era medico, formara-se aqui na Corte. Em materia de habilitações era pretencioso e intransigente. Nunca se considerou discipulo de quem quer que fosse, na firme persuasão de que o homem não é parasita para só sugar, nem armazem para só conter. Importava e exportava idéas igualmente, dizia elle com emphase ridicula Como se vê, a sua immodestia tinha fóros de um principio.

Quanto á moral e quanto á religião, as suas opiniões não eram menos angulares. A gente cavia-as confusamente, com desgosto e com oppressão, mas por fim deixava-se arrastar como um sarrafo pela corrente. A sua dialectica era attrahente e viscosa como a boa constritor.

Macedo era um espirito profundamente revolucionario. Atacava tudo como um corrosivo. A sua palavra produzia escharas e a vehemencia do seu pessimismo fulminava o proprio raio.

Quanto peor, melhor! era a sua phrase predilecta. Como bom catholico, exercera religiosamente o casamento.

Uma desgraça íntima lhe conflagrara violentamente a vida e elle caíra prostrado como uma ave ferida por um tiro. De facto, sobre sor pessimista, elle era também um sceptico. Macedo era, pois, uma ruína. Ha muito que elle começára a esboroiçar-se. Tudo lhe parecia pessimista. A sua luneta denegria a pomba como a do optimista branqueia o corvo. A vida para elle era um becco sem snida. Agoniava sózinho, obscuramente. Buscava o otido como quem procura uma agulha. A sua palavra, espontanea e rapida, distillava pegonha e sangue, como um abcesso putrido.

Eram desoladoras as suas conversações íntimas. Evidentemente essa organismo moral era corroído por um cancro.

— Macedo, tactica su uma voz, não pôdes occultar que ha em tua vida uma desgraça...

— Eu bem o sei, Falano, interrompeu-me elle, mas por isso mesmo espéro que não me violentes a consciencia. A treva é um balsamo. Depois, acima do homem está a fatalidade e acima da fatalidade está a morte. Eis tudo.

E com essa rajada intempestiva apogou a lampada que poderia illuminar a caligem de uma noite inteira.

Commovido e rechassado, bati em retirada. Estavamos á janella palestrando. No céu as ostrellas tinham scintillações phantasticas e na rua passavam transientes indifferentes.

Mais tarde, porém, vim a saber a causa de tudo isso. Imagine-se a repressão violenta de uma paixão insulita; a extrema susceptibilidade do temperamento posto em fogo nas rofregas de uma vida accidentada e por fim, e como consequencia, a acção malfica de uma influencia consumptiva e morbida. Foi por essas degraus nefastos que rolou aquella organização vibratil e excepcional até afogar-se no mar morto do pessimismo.

Eu sou o rei dos pessimistas, dizia-me elle sempre e assim era.

Macedo contrahia o habito de encolher desdenhosamente os hombros e nos labios via-se lhe sempre fluctuar o sorriso glacial e impudente do sarcasmo.

Tal era a singular creatura que a sociedade chamava Dr. Macedo.

Esse desgraçado viveu gollando feio e morreu haurindo a doce, a ineffavel esperança do tenebroso nada.

CANDIDO JUCA

DA «VIA-LACTEA»

Ao coração que soffre, separado
Do teu, no exílio em que a chorar me vejo,
Não basta o affecto simples e sagrado
Com que das desventuras me protejo.

Não me basta saber que sou amado.
Meu só desejo o teu amor: desejo
Ter nos braços teu corpo delirando,
Ter na bocca a decura de teu beijo.

E as justas ambições que me consomem
Não me envergonham; pois maior haizea
Não ha que a terra pelo céu trocar...

E mais eleva o coração de um homem
Ser de homem sempre, e, na maior pureza
Ficar na terra e humanamente amar!

OLAVO BILAC

A ESPERANÇA

Lutou continuamente, hora por hora, Sempre a esperança a lhe dalar o esforço; Tinha por si não ter nenhum remorso, No leito puro a animação da aurora.

Viessem as dores de tropel, embora, Tinha p'ra combater-as um reforço; Era o incangável o intimido corso Avante e affeito pelo mar em fôra.

Si da esposa crescia o desalento, Na supplica, na voz de mel, sincera, Mostrava um céu, dizia novo intento.

Morta arvore, a esperar a primavera, Vendo-a chorar, já no ultimo momento, Morreu dizendo-lhe a sorrir:—Espera!

J. NORAES SILVA

LA TERRE

ou

E. ZOLA

(Conclusão)

Na ha um só personagem na Terre que não seja bebado, assassino ou ladrão. E todo esse povo de bandidos o autor reuniu-o em uma só aldeia e fez d'ella uma aldeia tipo.

Entre todas as seiscentas paginas da Terre ha umas vinte que são cheias de belleza e de poesia, de sentimento e expressão. Ah! Zola é aquillo que devia ser sempre um escriptor poderoso.

As planicies da Beauce são aridas; a chuva persiste em conservar-se no solo das nuvens apesar dos votos e orações dos lavradores; por fim ella resolve ceder e o campones, no limiar de sua casa, começa a vê-la cahir com um prazer infinito.

Como é linda esta pagina:

« Dans la nuit, le ciel s'était couvert, il tombait depuis douze heures une pluie fine, tiède, pénétrante, une de ces pluies d'été qui ravivent la campagne; et Buteau avait ouvert la fenêtre, sur la plaine, il était là depuis l'aube, à regarder tomber cette eau, radieux, les mains dans les poches, répétant:

— Nous v'là bourgeois, puisque le bon Dieu travaille pour nous... Ah! sacré tonnerre! des journées passées comme ça, à foire le feignaut, ça vaut mieux que les journées où l'on s'esquinte sans profit.

Lente, douce, interminable, la pluie ruisselait toujours; et il entendait la Beauce boire, cette Beauce, sans rivières et sans sources, si altérée. C'était un grand murmure, un bruit de gorge universel, où il y avait du bien-être. Tout absorbait, se trempait, tout reverdisait dans l'averse. Le blé reprenait une santé de jeunesse, ferme et droit, portant haut l'épi, qui allait se gonfler, énorme, égrenant de farine. Et lui, comme la terre, comme le blé, buvait par tous ses pores, détendu,

rafraichi, guéri, revenant se planter devant la fenêtre, pur errier;

— Allez, allez donc!... C'est des pièces de cent sous qui tombent!

« C'était un grand murmure, un bruit de gorge universel où il y avait du bien-être. »

Como esta phrase é admirável! Sentou-se a sensação dos campos que reverdecem e como que o cheiro das terras molhadas.

E como esse o livro continha muitos outros trechos trabalhados por um primoroso artista, infelizmente, é difficil destacar-os sem truncar o pensamento porque rara é a pagina que não está crivada de palavras e exclamações obcessas.

Por outro lado o livro tem os seus senões.

Descrevendo uma das scenas da vindima na Beauce Zola conta a historia de uma bilha de vinho que havia sido deixada no terreiro. Um burro veio farejar-a e bebeu-a tranquilamente. A bilha continha cerca de vinte litros.

E acrescenta:

« Tout y avait passé, son ventre s'était arrondi comme une outre, à éclater du coup; et, quand il releva enfin la tête, on vit son nez ruisseler de vin, son nez de pochar, où une raie rouge sous les yeux indiquait qu'il l'avait enfoncé jusque-là.

« Il était, c'était cette fois le cas de le dire, saoul comme une bourrique, ou, comme on dit chez nous, je n'ai jamais vu pourquoi: Comme la bourrique à Robespierre. »

E estende-se com prazer sobre os effeitos da embriaguez do burro, que pula desordenadamente e todos correm atrás do animal enlaidado. A scena termina com estas linhas.

« Alors sous la blancheur éclatante de la lune, on vit l'âne battant la cour en un zig-zag frénétique, avec ses deux grandes oreilles échevelées. On lui avait trop remué le ventre; il en était malade. — Un premier hant-le-cœur l'arrêta; tout chavirait. Il voulut repartir; il retomba sur ses jambes raidies. Son cou s'allongait; une houle terrible agitait ses côtes. Et dans un tanguage d'ivrogne qui se soulagait piquant la tête en avant à chaque effort, il déguenilla comme un homme. »

Ninguém poderá negar o pittoresco dessa descripção. Mas o que é verdade e que o Zola nunca viu um burro vomitar. E o burro não vomita nem vomitará enquanto tiver o estomago que possua. E esta scena, como outras do illustre romancista, por estarem fora da verdade, estão longe do naturalismo.

Mas os heroes de Zola hão de ter sempre alguma cousa de epico, de prodigioso, como concepções de um poeta extraordinario.

Nada-se ali, em plena poesia. O cavallo de Homero chora sobre o cadaver de seu dono; o burro de Zola embriaga-se e vomita, como um homem á claridade rutila da lua.

EMANUEL KARNERO.

RECORDAÇÃO

A Alberto Pimentel

Esta é a saudosa e triste penedia Onde em meu braço a custo caminhando, Quando a pouca a pouca estrangulando Ia-lhe a amada vida essa agonia.

Que ao cemiterio fria, maninada e fria, Levou-a, o sol silencioso olhando E ella colada ao peito, aconchegando A pequenina mão de dor genia.

Bendavam flores as margens do caminho E onde ramada humida e cheirosa Era a sôla emanação de um ninho.

O lyrio, a açucena, a silva, a rosa Floriam; enquanto triste, exangue Ella o leuço manchava em rubro sangue.

CARLOS FROES

O GRUMETE NOGUEIRA

I

Na Hospedaria da Lua, espelunca da travessa do Cotovello, bairuca de jogo e de prostituição reles, ponto da farandula, albergue das rameiras, na noite de 2 de Fevereiro, passava-se alguma coisa estranha.

Pela porta escura, entravam e saíam sujeitos embuçados—tipos de malta—e de quando em vez um policia, com o chapinho desembuchado e a barretina no alto da cabeça, gagueando.

La dentro uma algazarra medonha: gritos, gargalhadas, cantigas obscenas e diabolos canthos, no grande volapuk da capoeiragem.

Doas mulheres bebidas babavam-se, sentadas um um batente de porta freiteira á Hospedaria, descompondo desbragadamente o dono da locanda.

Uma outra, rota, enlameada, cambaleava, chapinhando na sargeta.

Dentro, em uma sala escura, alumiada por um candieiro fumarento, bobiam os da tropa, atabaloados commodamente, com as armas accumuladas inapudadamente no pinho gorduroso das mezas.

Era alli o quartel general da malta. Era alli o reduto da força assalariada—força composta de assassinos e caposiras, posta ao serviço da policia.

O dono da locanda, um sujeito obeso, de caraça rubra, em mangas de camisa, nadava de meza em meza servindo, cheio de solicitude com os freguezes, examinando, aqui uma navalha, mais adiante experimentando uma faca.

— O' João Heito, está baptisada? perguntou virando e revirando uma navalha entre os dedos.

— Baptisada, a Ocoeta?... ora! Isso nem se pergunta. Então você não se lembra do carcamano!?

— Sim...

— Então... Elle foi a pia...

E o locandeiro rindo passou adiante, carregado de garrafas.

— O' sujo! gritaram de um canto.

— Adeus, Trinca! Como vai a ty-pographia...

— Varro fôra...

— Bilontra!

Ao fundo, diante de uma meza, o locandeiro estacou meio sorpreso, com os olhos pregados na caça bexigosa e larga de um mulato que batia freneticamente com o punho na meza.

— Qu' é qu'está olhando, seu Bento. Ponha paraty e rode?

— Zé Boi! — fez o homem da hospedaria sem tirar os olhos do mulato.

— Qu' é que tem Zé Boi? Devo alguma coisa?

— Oh! meu velho... E deixando as garrafas na mesa apertou o mulato nos braços effusivamente — e, todo risinho arrestando para junto da mesa um banco o acucapou-se.

— Tu por cá!

— E' verdade...

— Quando sahiste?

— Ontem... Mas pôe o paraty, homem.

O Bento encheu o copo do mulato até as bordas.

— Mas ainda não acabou o teu tempo, Zé?

— Não. Acaba em Julho...

— Então...? Como te piraste?

— Não pense que eu fugi. Sahi porque os manetas me boiaram para a rua.

— O que me dizas?

— E' verdade! Isto agora é que está bom. Ontem de manhã a tropa toda ganhou o mundo por ordem dos maiores. Não ficou um na Rebelo. A gente sahio por causa do surrumbamba que anda agora. E vem tudo disposto a fazer fé cá fôra.

E esvasiou o copo de um trago.

Eu cá estou decidido a cortar como gente, mesmo porque a sardinha já está se enferrujando.

— Então... foi a policia?...?

— Ora...

— E se vocês forem presos de novo?

— Ha muita garantia, seu compadre.

Eu não sou cabra de hoje—sei como caio n'agua.

— E' o que serve...

E o Bento, entusiasmado, bebeu tambem um trago para festejar a liberdade do camarada.

— Pois é verdade, seu Bento, cá estou eu!—disse o mulato e passou a manga de palitot pela bocca para limpar os beiços molhados.

— E o Candinho, Zé Boi?

— Veio tambem. Está tudo na rua—

a rapaziada de flanga toda: o Candinho, o Trinca, o Menino bonito, o Calunga, o Zé Gostoso, o Numba, o Garrafa Vasia, o Gereba... toda a tropa.

— E o Cae n'agua?

— Isso é um punia! Bota paraty, compadre.

E deu uma palmadinha amigavel no hombro do interlocutor que sorria, com os cotovellos enterrados na mesa e o cigarro no canto da bocca.

O mulato esvasiou novo copo e curvando-se para o Bento perguntou, piscando brezeiramente o olho:

— Como vamos de pequenas?

— Mal.

— O mulatame anda vasqueiro hoje.

Quê da Leopoldina?

— Foi com o Bernardino...

— Qual é o Bernardino... aquelle soldado do 10º?

— Sim.

— Diabo! E a Augusta?

— Está na Santa Casa...

— Mas que chupa, hein, seu compadre!

— Uma mulher atôa. E o Bento depois de cuspir para um canto a ponta de cigarro, perguntou com interesse:

— Como vamos de lonas?

— Ah! dinheiro muito! Os patrões marcharam. E para provar saçou do bolso um maço de notas e estendeu-as diante do Bento.

— Vinte bodes!

— Que fortuna!

Riram.

Defronte, em um grupo, uma rapar-

guinha ebría mostrava os seios flácidos onde havia uma tatuagem—era um coração. Os do grupo riam e roubavam beijos á desgraçada que, muito bamba e desequilibrada, amparava-se á mesa, dizendo palavras com um cynismo revoltante.

Outra, mais adiante, com as pernas no collo de um creoullo, cantarolava, puzando de quando em quando a fumaça de um charuto.

Um permanente, encostado á porta, contemplava a scena sorrindo voluptuosamente.

— Que debocho, seu Bento... observou o Zé Bot.

— Ora!... Que é que tem... E, baixando a voz, perguntou:

— Esse vocês espíriem algum, seu Zé?

— Não ha novidade. Está tudo prevenido. Hoje a gente pode derrubar sem medo porque a lei está do nosso lado.

— Então... á aproveitar.

— De certo. Eu cá não sou molle nem nada. Olha, o ferro está aqui e vontade de riscar muita. Deixa estourar o surumbamba só. Deixa pegar a coisa que você vai ver o bom e o bonito. E' pé aqui — tiro! — pé acolá — tombo!

— Você não toma caminho, disse o Bento sorrindo.

— Ora...

— Bem, Zé... até já. E o Bento levantou-se e saiu como o Sileno da tasea, rubro, obeso, com a pausa enorme molhada do snor.

Nesse momento fóra, na viela abandonada, levantou-se uma grita medonha. Apitos, vozaria, tropel da parulha e o galope longínquo dos animaes correndo pelas ruas silenciosas.

Dois mulheres embriagadas tentaram penetrar na Hospedaria, mas foram empurradas brutalmente pelo locandeiro e rolaram na rua gritando nomes.

Os que enchiam a sala puzeram-se immediatamente de pé e brandindo as armas correram em tumulto para a porta aos gritos de: — Eache! Eache! mata! mata!

Zé Bot foi o ultimo a levantar-se. Babou ainda um trago, experimentou o fio da navalha e cambando o chapeu sobre os olhos saiu ginguando.

— Vou ver a differença... Até logo, Bento.

— Até logo, Zé.

E mal o Bento viu o mulato pelas costas passou o ferrolho na porta e ratiou-se para o interior, tocando diante do si o rebanho das mulheres do lupanar, rotas, ebrías, caindo de somno.

Fôra a grita aumentara e succediam-se as detonações das armas dos policias e os gritos de guerra da capoeiragem.

O Bento, voltando para apagar o candieiro, bebeu um novo trago, rosando covardemente.

— Comam-se, canalhas. Com tanto que não venham me aborrecer de novo. E titubante mettu-se pelo coarador da casa.

KININGER

(Continúa.)

Scenas populares do Ceará

A MOÇA FURTADA

II

Pereira traga saudade
Da noiva, que não vive mais.
Ella pena em solidade,
Mas ninguém ouviu os seus ais!

Mesmo na missa, na igreja
Em dia santificado,
Embora seja peccado,
Victoria não ha quem veja!

Mesmo o velho, o capitão,
De casa não mais sahi!...
Domingo perde sermão!
O que jamais, ninguém viu.
Sua vivenda é tristonha,
As portas todas fechadas!
Por peitos largos guardadas,
Tem apparencia medonha!

Nem uma nova em dois mezes
Seu amor vem confortar!
Tentara mais de dez vezes
Noticias d'ella ir buscar;
Mas sua astucia e valia
Vencer não podem perigos
Creados por seus inimigos,
Que tudo tem em vigia!

Pereira sofre humilhado,
E rugo de raiva e dor!
Crece o odio, mas ao lado
D'aquelle tão firme amor!
Uma noite elle scismava
Sentado em seu coto;
Um vulto vem... Quem vem lá?
— De paz senhor! Me esperava?

— Pensei a morte! dois mezes
A soffrer sem uma nova!
Não sei como estes reveses
Não me botaram na cova!
— Senhor, coragem! Victoria
Trazer-lhe manda missiva,
Ella, escraveo a captiva
Em prantos toda esta historia.

Voltou e vulto e sorriu-se
No manto da noite escura.
Um mundo d'esperança abriu-se
Para Pereira. A leitura
Não perde tempo em fazer.
Entra e val ver a candeia,
Atiça-a, a chamma s'atêa,
Com muito afan põe-se a lêr:

De penas tenho vivido
De penas hei de morrer;
N'uma masmorra fui presa,
E presa por te querer!

Se corre nas tuas veias
O nobre sangue mourão,
Vem quebrar os queros ferros
De minha injusta paixão.

Se não quizeros perder-me
Vem aqui, vem me tirar
Na noite do dia doze
Depois que o gallo cantar.

RODOLPHO THEOPHILO

UM DIA NO CAMPO

A' Emma, Sra. B. Loure Simas

A minha vida hontem expandiu-se
alegre e feliz.

Era o dia da festa do Espirito-Santo
no lugar onde nasci.

E passei-o com minha tia, n'uma boa
paz carinhosa e sagrada, recordando,
saquoso, os meus irrequietos dias de
infancia consumidos ali, estrafegando
em correrias ingenuas, desenfreadas e
doudas ou em assaltos aos ninhos, por
aquelles campos e montes!

Já lá se vão quinze annos mas não
mudou o aspecto das cousas.

A casa que fóra outrora de meus
paes, cercada de laranjeiras e cafezei-
ros tufados, com o engenho da farinha
ao lado, branca e risónha na leura luz
da manhã, uma gloriosa manhã de
maio cortada do bom cheiro agreste,
saudavel e revigorativo das amoeiras,
com as suas folhas de verde escuro e
os seus fructos dourados o redondos,
que fazem lembrar uma grande vesti-
menta verde, semente de guizos, d'al-
gum gigantesco arloquim que se hou-
vesse immobilisado numa firmeza apu-
mada e rija de soldado, — brilhava o
ria pelas suas janellas abertas, toda
penetrada de calor e de vida, num
ampla satisfação do animal tóldo e
frioento que saboreia, estirado, a
morna caricia do sol.

Os outros lares, na maior parte com-
postos de casinhas vermelhas, mal acabadas,
de paredes feitas d'um barro
cuja fragilidade se mostra em risqui-
nhos tremidos de myriades de rachas e
onde se anchem, bem fundos, os
sulcos das mãos que serviram de colher
na sua edificação, espíam, escondidos, o
largo e accidentado caminho do sitio,
de dentro de altas touceiras de bana-
neiras, cujas folhas largas e tenras, o
vento tesoura em franja.

Grupos sonoros e coloridos de lavra-
dores, mulheres e crianças, exorci-
nam até á freguesia, linguarejando e
rindo forte, na cadencia regulada e
certa do tambo que bato no calcanhar.

E familias mais abastadas, vindas de
longe, apinhadas sobre o estrado dum
carro arrastado por ádidos bois lusi-
dios, passam, amolentados pelo sol,
amarrotadas, ensomnadas e bocejantes,
na lentidão e no chiado fastidioso e
nostalgico do vehiculo.

Rapazes em geral amarellados, entre
vinte e trinta annos, exhibem-se ante
as bellas raparigas padeiras, socadas
de hombros e da grossas cinturas car-
nudas, fazendo pular e atormentando a
relhaço, num enthusiasmo presa de
instinto, os seus casados e feios caval-
los enlameados, que enchem de galop-
es e ruidos de arrellos novos todo o
percurso da estrada.

No adro da igreja, donde se avista no
longe, ás vezes, a branca alegria de
uma volta latina palpitante sobre o mar
que faisea no sol, alinhavam-se, enfei-
tadas, na direcção da porta principal
do templo, dous ranques de aguçadas
palmeiras desviçadas ja pela soalheira,
descendo ladeira abaixo até a uma bar-
raça de lona, onde as lilloava fructos
e massas, a grande berros roucos.

A' noite, novena resada engrolada-
mente pela voz rouca e cheia de um
padre gordo e preguiçoso, de cogote
curto, em rosca, como um porco macau.

E depois, já noite avançada, a volta
para as casas, a beliscar-se sensual-
mente, no escuro, o braço rollo da
cachopa, que não grita nem diz a mãe,
por estar ainda roendo e gosando a
offerta de amendoadas e brons que a gente
mércia, trapassando e logrando as ne-
gras quitandeiras do adro.

VIRGILIO VARZEA.

Desterro, 30 de Maio de 1896.

DEPOIS DE PARTIR (*)

Vim e deixei-te o coração que, embora
Martyrisado sempre, á teu escravo:
Vim sem trazer ao menos um aggrav
Dos teus impios caprichos de senhora

Vim, e com risos dissimulo o trazo
De acres venenos que sorvi outrora:
Indifferente ao mal que me devora
A setta que me fêr eu mesmo cravo!

Trouxe comigo o eterno moribundo
— Tântalo que agoniza, atibundado,
Alimentando a sede que o tortura:

Trouxe comigo o meu amor profundo
— Coveiro que, com prantos de amargura
Ha de fechar-me a triste sepultura.

PEDREIRA FRANK

S. João d'El-Rey, 87.

(*) Reproduzimos por ter sahido na
correcto.

OMATH

E' um incompreheensivel, não é um
misanthropo, Omath, este singular in-
dividuo que occupa a minha attenção
e me obriga a reflectir, a pensar a
vida d'elle a estudal-a emfim, como
eu tivesse um grande compromisso, an-
dever sagrado de saber-a de côr, com
qualquer discipulo de — bacadafá —
sua ligão. Inteligente, tem o espirito
culto e applicado, sua educação é com-
pleta e apimorada; activo do u
physico robusto e esbelto.

Vive instruindo-se; ou lê acurada-
mente, ou manuseia periodicos, feni-
tas, illustrações de maior acclatado.

Troja com correção, uma media em
thematica pôde-se dizer entre e figu-
rino de alfaiate e o jarreta historico
sabo vestir-se do bom, do commodo, do
duravel como sabe comer do melhor
do mais fino.

Nas suas, nas viagens, nos pass
tempos não abandona seu co upanho
inseparavel o charuto; fuma fuma
suradamente; uma tiragem de fumo
distende-se bifurcada pelo nariz com
pequenas intermitencias.

Não tem aspiração, e nem ambicio
cousa alguma, vive tranquillo; adma
um quadro, contempla uma obra d'ar
com attenção demorada, mas não é
emociona — é frio —; nada o abate
mais horrendo crime, o mais extr
gante facto teratologico, não arrua
delle o menor gesto ou palavra, re-
plastica fica importubavel, accoita
como mais natural reconhecimento, nã
aconselha, não discute o merito relati
de cousa alguma, diz o que ha e o q
sabe quando provoca o sua opinio
um erudito. Não ri e não chora — é m
passivel, dir-se-lhe não tem coração
entretanto é esmolor, generoso, plia
tupo, dedicado em excessos, serio.

Conheci — Omath — por occasio
fallecimento do seu pai com quem
trotinha boas relações; vendo-o
cicio, satisfazendo a uma coiza
outra que se apresentava na occ
dispondo com grande calma ind
siquier trazer banhaes de oca
a minha curiosidade aguçada levava
a dirigir-lhe esta pergunta: e E
ventura parente do amigo Omath?

o que respondeu-me — Seu filho —

o meio do maior alvoroço, entre gritos, lamentações, abraços, soluços, odes, os olhos de Omah sequer amaram lágrimas.

xranhei-o d'ahi—, e a minha admiração pela criança, quando soube que nãmino o conceito de filho extremo e bom, de que gozava.

que elle achava-se mais coherente, dava ser mais natural conservar-se assivel sempre, a derramar pranto em effluções, angustiar-se naquelles para lá depois apresentar-se satisfeito e risinho.

esperou recluso e inabalavel a missa setimo dia, tributo ephemero, onde umignos pensando nos affazeres, nos pressas, nas obrigações anseio pelo aco consolador da etiqueta. tra solteiro.

sua philosophia, parece-me, era sderar-se exclusivamente especta- rador do manifesto-se.

Se fosse casado, dizia elle: as dis- cões, os carinhos, os folguedos dos cas, e bem assim a dedicação da es- a não m'o demoveriam dessa indiffe- rênça. Não me consideraria mais feliz o me tornaria mais alegre por ter os que me beijassem e abraçassem minha chegada á casa; tudo isto ria do dar-se e de desaparecer com tudo, até que elles mesmos fossem sua vez pais e recebessem as mes- sas caricias dos meus netos, e da sua lher, e assim os novos descendentes.

atractivo da familia mais nobre a duvida, e mais duradouro, não tem os outros, explicação convincente? he explicação tem o prazer que ex- timenta um individuo de colleccionar os ou moedas? ou o de apurar ve- as? Que explicação tem a satisfa- ção de se distinguir-se como maior, jogador de armas, de xadrez, ou de elevar-se como jornalista, fessor, ou artista?

tudo é ephemero, e não encontro jus- tação a não ser no gozo eccentrico do da individuo de procurar obter taes acas sensações?

Que typo?!

FLAVIO FLORES

Visitando Ruínas

em, vamos percorrer esse castello, outr'ora
rio de riso, luz e indomita alegria,
to lá amarelo a expressão inchoada e sombria
a dita ostenta minas e silencios agora.

elle, tempos atraz, ao deponer da aneira,
alegre multidão p'ra os coçados sahias
a extenso pinheiral do extenso arranha
em foras achou sons de trempa sonora

que em silencio está; lançado ao abandono,
mo algum que dormia o seu ultimo sono
ado ao fundo da valle em que gemea sombria,

abandonado, têm de entranhas de pedra
as pedradas da dor — a fria dor que medra
sua men corações marmoreamente frios.

Fevereiro, 1888.

PEDRO RABELO.

FACTOS E NOTICIAS

Do estudioso padre Senna Freitas que, já passou em julgado pela critica da lingua portugueza, recebemos o livro intitulado: *Observações criticas e descriptivas de viagem*.

Confessamos que o desejo de noticiar o apparecimento d'esta obra, apenas permitiu-nos que lessemos aquillo que mais conhecemos sobre o que agora em nosso despretencioso juizo emitimos.

Uma recordação de scriptores brasileiros. Foi o capitulo preferido. Com a attenção que nos merece o illustre padre Senna Freitas tomou-o, e, em para nosso proveito, francamente, não con- cordamos.

Depois de algumas observações sobre a formação social do Brazil, o autor do *Periplo de Castello Branco* estuda a poesia brasileira e aqui que:

« A inspiradora da poesia brasileira foi sempre a França; » « A França tem sido o tader insano dos Varinas e Castro Alves, dos Casimiro de Abreu e Luiz Guimarães. »

Porque, perguntamos nós, a nossa inspiradora é a França? Qual é a nota característica da poesia franceza? Era que tempo existiu na França um Jorás que baptizou a lyra dos seus poetas, que os tornou originaes no ponto de as lyras estrangeiras procurarem algumas gotas privilegiaes para puzer em cantar?

Sera talvez culpa da nossa ignorancia porém, sempre cremos que a poesia Lyrica ou poesia epica da França foram a mesma inaugurada pelo primeiro lyrico que existiu e pelo primeiro epico que se immortalizou. Pode a forma variar, mas toda vibrar com maior ou menor intensidade, ser mais amarga ou mais doce, porém a essencia, a poesia da poesia é a mesma, é eterna.

« Chegou onde eu querias poderia retorquer-nos o Sr. Senna Freitas, e nós acrescentaremos: Porventura todos os poetas brasileiros tem sentido as mesmas impressões que se tem manifestado no espirito dos poetas francezes?

Os factos, as couzas, as circumstan- cias, as luctas, as dores, não são as mesmas para indetificarem os sentidos dos nossos poetas com os dos poetas de lá? Em absoluto não; isto é; a evo- lução social, no seu maior desenvolvi- mento levou, ou antes trouxe toda a humanidade para o *Nihil*; d'ahi a des- creença universal, d'ahi a adoração de todas as lyras na nota triste, desale- tudadora, satânica ou pessimista e por fim, n'uma so palavra: na melancolia.

A melancolia é a fonte onde bebemos não para alentar os outros mas para consolar os consolando-nos.

Eis porque estamos em desacordo com o autor das *Observações criticas* quanto a sua classificação das escolas litterarias. Eis porque implicamos com o baudelaireismo em que o Sr. Senna metteu Raymundo Correa e o parna Freitas sinuismo em que quiz disfarçar o Luiz Guimarães.

Um dos poetas muito apreciados pelo Senhor e em seu estudo citado, Luiz Murat, ao nosso ver, muito bom de- lenio apoesia quando ha pouco tempo em um dos seus poezitos *Houzínoes do coração* dizia que como uma ave a voar em torno de um fructo:

... anargoso por fora e rapido por dentro,
Tal da lagrima em torno a poesia se move

No seu furor contra Schopenhauer

Já sente o Sr. Senna Freitas repulso pelo seu patricio Anthero do Quental e convicia os vates brasileiros para a gravidade das cousas graves.

Ficamos na mesma.

Reprovando os descrentes, descobriu alogria na lyra de Espinosa e — como deria Castello Branco — com uma enorras liberdade geographica chama-o « vate do mais alto estaurio que talvez haja em toda a Hespanha (Carunata). Espinosa, diz o Sr. Senna Freitas, no proprio *Bicho manito* eleva-se ao

« Olos ese que habita
O impotente en la region del cielo
Naufragio o vate doquiera
Ja todas horas el mortal le invoca »

Mas a nota principal salta o Sr. Senna Freitas, o terceiro verso não é « Naufragio etc. » é:

« Quin é que juncuda á veces de alegría,
y otras veces trael con moito impia
Llena de angustia y de dolor su suelo? »

Depois haja a introdução ao poema referido. Se é esta gravidade que deseja nos é ao retribuir.

Nas correções que apontou a Ray- mundo ao foi feita na primeira: valha-o a infelicidade da segunda para não repetir o mesmo do outra vez.

No seu amor de caminhar comprom- eteu o Fimado d'Almôida quando disse que o seu soneto *No campo* tem 15 linhas, 15 linhas? só contando a nota do titulo e a outra nota da assignatura, si não foi a assignatura dar mais pre- de- terros ao Fimado.

Quanto a parte em que trata do natu- ralismo, cremos que a discussão seria fora do proposto, porque já antes do ser contrahido o Sr. Senna Freitas chama os discipulos de Zola de mis- ravelia.

« As opiniões são como os prégos tanto mais se os bate, mais ellas se enerram » disse o Dumas filho. Não a acatamos e nem as discutimos pois, do Sr. Senna Freitas.

Depois disto, folgamos de reconhecer que o seu livro está primorosamente escripto, feito com muito vigor de estylo e copiosa somma de estudos.

Agradecemos pela offerta.

FRANKLIN TAVORA

O nosso illustrado e distincto collega de redacção Dr. Franklin Tavora acaba de soffrer um profundo golpe no acou- chego doce da digna familia, perden- do a sua estremosa e querida mãe, Exma. ora D. Maria de Sant'Anna da Silveira Tavora.

Dupla é a nossa paralização na dor, que neste momento entua a alma de tão prestimoso amigo e de tão querido col- lega.

E a redacção d'A Semana, sincera- mente magoada, apresenta ao illustre compañheiro os seus sentimentos de pesar.

Chegou do Pernambuco o Dr. Arthur Cortinas Laxe — um dos moços mais sympathicos da actual geração lit- teraria e cuja valiosa collaboração nos está assegurada para maior brillan- tismo desta folha que se presa em re- unir o supra-summo do talento e da illustração.

Para S. Paulo voltará brevemente o nosso illustrado amigo e agente lit- terario, ali, o Sr. Max Fleiss.

Que continue a ser-nos bom e activo é o que desejamos.

THEATROS E DIVERSÕES

O espectáculo que in ter lugar na se- gunda-feira passada no theatro Santa Anna com a *Dama de Espadas* em bene- ficio do illustre compositor nosso amigo Dr. Abdom Milanez, foi transferido para o dia 19, segunda-feira.

No Lucina continúa a companhia hespanhola de zarzuelas, a fazer as do- licias do publico que alli está para ap- plaudir as interessantes Pia, Sophia Campos, e no Garrido, este Garrido cuja presença no palco é um aconteci- mento do... salias gargalhadas.

E' um esportilhão o Braga Junior e um filizado também.

O Recreio Dramatico enfeita-se atav- ia-se e espanja-se para receber de seus frequentadores, e de todo o publi- co fluminense as saudações pela excel- lentes poezias que lhes vai offerecer. E' a Revista do nosso collega do Jornal, Dr. Oscar Pederneras, intitulada— *O Boulevard da Imprensa*, uma revista ma- gistral, trabalhada com muito primor litterario; com muito espirito, e que critica os factos do anno com muita delicadeza, no par do muito vigor.

Tudo da revista está feito com muito gosto, e montada caprixosamente. A sua premiere está annunciada para o dia 23 do corrente, e é quasi certo que nesta noite o Recreio não ficará com um só logar descompado.

As recitas da semana foram variadas e com boas cenas.

Pelo Sant'Anna, vas o Heller alter- nando os espectaculos, dando ora *O Amor Molhado*, a *Dama de Espadas*, ora *O Ramo d'Ouro*, pega esta que, pelo ta- munto que fez levantar na imprensa com a critica de sua excellente musica, tem levado a este theatro encheres completas. Facto é que, como previa- mos, o *Ramo d'Ouro* faz caminhar em busca d'um meio contrario, e isto era- lhe uma duvida pelo alto valor da par- titura e bom lanço do libreto da pega.

Hoje, a mesma, e amanhã a *Dama de Espadas*.

Abrem hoje os seus salões:
Para um sarão concerto o Congresso Brasileiro:

Baile commemorativo de seu 4º anni- versario o Club A. D. Esther de Car- valho.

Partida mensal, Club Hebe, de Nie- thero, do qual é presidente a gentilis- sima Sra. D. Luiza Penna, e secretaria a graciosissima Sra. D. L. Torrozo.

Sessão solemne de inauguração do novo edificio, e posse da nova adminis- tração a Associação Portuguesa do Be- neficencia Memoria a Luiz de Camões.

CONCERTOS POPULARES

Devem começar brevemente os pri- meiros ensaios da musica desta impor- tante sociedade.

Sabemos que faz parte do programma do 1º concerto a realizar-se em Abril, a grandiosa composição de Massenet *Les Erymes*.

O organizador o Sr. Carlos de Mes- quita não se tem poupado a esforços a fim de satisfazer as exigencias do pu- blico.

E' justo que o publico compense di- gnamente tamanha dedicação da parte de um artista como Carlos de Mesquita.

Bravemente terá lugar, em Nictheroy, no theatro Phenix Nictheroyense, a grande festa litteraria em beneficio da bibliotheca municipal, organizada pelos Srs Carlos Fróes e Alberto Pimentel.

Consta-nos que serão lidas publicações inéditas dos nossos melhores escriptores.

Diversas Publicações

O Occidente, 11º anno, vol. XI, n. 329, de 11 de Fevereiro deste anno.

Traz como sempre, além de magníficos artigos, excellentes gravuras: O vinho novo, quadro de Christino da Silva; a Basílica de S. Pedro, em Roma e a casa onde nasceu Leão XIII.

Amor molhado, é o título de um periodico litterario e theatral, que incetou publicação nesta Corte e cujo primeiro numero recebemos. O interessante collega está escripto com muito gosto, muito talento e muito variado. Que seja-lhe longa a vida e sempre risonha.

Do Ceará nos veio o primeiro numero d' *A Revista*, excellente hebdomadario. Agradecemos.

Fabulas de La Fontaine, illustrada por Gustavo Doré, com cerca de 900 gravuras e com estudos criticos pelos illustrados escriptores Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão e Theophilo Braga. Os fasciculos ns. 61, 62 e 63 que temos sobre a banca estão excellentes.

As *Farpas* de Ramalho Ortigão. O fasciculo n. 23 que temos, trata do paiz e da sociedade portugueza.

Revista das Estradas de Ferro, de illustração Engenheiro Dr. Francisco Picanço. Veio esplendido o ultimo numero: rica de dados estatísticos e informações uteis. Obrigados.

De um democrata sincero recebemos um libretto em que o seu auctor aborda diversas questões, social e economica, sendo materias de presente, a lavoura e a immigração.

Será exposto á venda, por todo este mez, o novo romance—*Lar*, de Pardaí Mallet. E' da esperar que neste livro, como no *Hospede* e *Meu Album*, que o precederam, o jovem já apreciabilissimo escriptor revele mais uma vez as suas brilhantes qualidades de observador apaixonado da natureza e vigoroso estilista.

Tambem brevemente sabrá á luz o *Quiombo*, romance naturalista do nosso presado e talentoso amigo Coelho Netto. Nas paginas desse livro, vibrantes de inspiração e escriptas em estylo fluentissimo, o distincto litterato descreve com a maior verdade as scenas da escravidão. As columnas da nossa folha em breve serão honradas com a publicação do primeiro capitulo do *Quiombo*.

O leitor terá, então, occasião de apreciar o trabalho monumental de Coelho Netto, que, com certeza terá o prazer de ver esgotadas edições consecutivas do seu romance.

Revista Typographica. E' este o titulo de um minioso jornal que apparece sob os auspícios, e immediata direcção e redacção da distincta classe typographica da Corte.

Escripta com muita intelligencia, com muito gosto e muito criterio a *Revista Typographica*, entra para a communição da imprensa, pura e exempta d'esse mal que vai minando-a aos poucos e inconscientemente—a luta pardiária.

Ao interessante e sympathico collega para quem reservamos todos os nossos sentimentos de muito affeto, e luctidade os nossos cortejos.

Revista Illustrada, que como sempre vem scintillante de espirito.

The Rio News, revista de interesses commerciaes.

De Sr. José Martini, um livrinho de versos, dividido em tres capitulos *Trovas e Quixas*, *Musa Reverente* e *Harpa dos Tumulos*.

Evitamos a responsabilidade de uma critica ao livro do Sr. J. Martini, por uma razão muito simples, porque elle não nos pede. São suas estas palavras incertas no prelo. e Não peço ao publico que leia o meu livro e meça ainda que o applauda. Outras são as glorias a que me destino, e mais proteções do que simples versos, espero serão os fractos da minhas futuras lucturações.

Fagamos-lhe a vontade, e espere.

Muito *bijou*, muito *chie* mesmo está o n. 1º do 2º anno d' *O Brazil Contemporaneo*. Este numero que recebemos, além dos primorosos artigos, bellissimas poesias, traz tambem uma soavel photographia de S. A. Imperio. Obrigados.

A Chrysalida. Está mesmo um minioso casulo, donde se vão desabotoando os lyricos sorrisos das Nymphas, que na *Chrysalida* collaboram. Primeiro sissimo o n. 11.

O Correio da Europa, n. 5, da edição do Brazil. Traz excellentes gravuras, um texto de fino sabor litterario.

Recebemos de exímio compositor Linda polka, denominada, opportunamente—*O Baptista Pulou Fôra*, e receda á distincta officialidade de mala. Só ao pagar-se a bella e comção sente a gente uma vibração, estremeçimentos e uns castos desejos se pular, mesmo no solavanco das das.

Obrigado a o Club Naval para dar car a miniosa polka.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã á 3 da tarde—Rua do Hospicio 102.

DERBY-CLUB

GRANDE PREMIO INITIUM

A REALIZAR-SE NO DIA 27 DE MAIO DE 1888

NS.	NOMES	PELLO	FILIAÇÃO	PROPRIETARIO
1	Primadona.....	Alazão.....	Ernest e Pellada.....	A. Pinheiro.
2	Tenorio.....	Idem.....	Idem.....	Idem Idem.
3	Zig.....	Idem.....	Douro e Bella Alliança.....	Coudelaria Paulista.
4	Monino.....	Douradillo.....	Bordor Mistrel e Mulers Maid.....	J. G. Nogueira.
5	Jarreta.....	Idem.....	Janoit e Bulvia, meio-sangue.....	Idem Idem.
6	Ambura.....	Idem.....	Janoit e Gayvota.....	Idem Idem.
7	Tramoya.....	Zaino.....	Janoit e Geramiano.....	Luiz de Pontes.
8	Fedora.....	Idem.....	Fils d'Escosse e Dabora.....	E. A. Paes de Barros.
9	Elesco.....	Alazão.....	Damon e Geographia.....	Idem Idem.
10	Cornavilla.....	Idem.....	Cornavilla e Fosca.....	Coudelaria Aranha.
11	Hobreu.....	Douradillo.....	Idem e Mulata.....	Idem Idem.
12	Gauzes.....	Alazão.....	Idem e Venus.....	Idem Alliança.
13	Gioconda.....	Idem.....	Bolivar e Luiza Michel.....	Idem Idem.
14	D. Quichote.....	Castanho.....	Tagibla e Araponga.....	Idem Fuminense.
15	Derby.....	Idem.....	Goldmasper e Pellada.....	Idem Idem.
16	Meisa.....	Alazão.....	Sans Pareille e Moura.....	Coronel Barros.
17	Brazão.....	Douradillo.....	Idem Idem e Bonita.....	Idem Idem.
18	Policano.....	Idem.....	Idem Idem e Frulana.....	M. U. Lemgruber.
19	Vivaz.....	Idem.....	Idem Idem e Diana.....	Idem Idem.

GRANDE DERBY NACIONAL

A REALIZAR-SE

EM 15 DE JULHO DE 1888

NS.	NOMES	PELLO	FILIAÇÃO	PROPRIETARIO
1	Primadona.....	Alazão.....	Ernest e Pellada.....	A. Pinheiro.
2	Tenorio.....	Idem.....	Idem Idem.....	Idem.
3	Zig.....	Idem.....	Douro e Bella Alliança.....	Idem.
4	Monino.....	Douradillo.....	B. Ministre e M. Maid.....	Coudelaria Paulista.
5	Gauzes.....	Alazão.....	Cornavilla e Venus.....	J. G. Nogueira.
6	Hobreu.....	Idem.....	Idem e Mulata.....	Coudelaria Aranha.
7	Cornavilla.....	Douradillo.....	Idem e Fosca.....	Idem Idem.
8	Tramoya.....	Zaino.....	Janoit e Geramiano.....	Luiz de Pontes.
9	Fedora.....	Alazão.....	Damon e Geographia.....	R. A. P. de Barros.
10	Elesco.....	Idem.....	Fils d'Escosse e Dabora.....	Idem.
11	Gioconda.....	Idem.....	Bolivar e Luiza Michel.....	Coudelaria Alliança.
12	D. Quichote.....	Castanho.....	Tagibla e Araponga.....	Idem Fuminense.
13	Derby.....	Idem.....	Goldmasper e Pellada.....	Idem Idem.
14	Policano.....	Idem.....	Sans Pareille e Frulana.....	M. U. Lemgruber.
15	Vivaz.....	Idem.....	Idem e Diana.....	Idem Idem.

Rio de Janeiro, 29 de Fevereiro de 1888.

O 2º Secretario, MOREIRA SAMPAIO.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 às 4 horas.—Becco das ancillae n. 2.

Dr. Ratisbora Filho.—Advogado, rua da Quitanda n. 51.

Dr. Luiz Murat.—Advogado, rua da Quitanda n. 51.

Dr. Aristides Lobo.—Advogado, rua dos Ourives n. 35.

Dr. João Ribeiro.—Medico e especialista em molestias de criança e pediatra, rua de S. Amaro n. 18.

Os Engenheiros, Drs. Bonarque e Macedo e Castro Maia, encarregam-se de trabalhos de construção, estudos ou outro quaisquer mister de sua profissão. Rua do Hospicio n. 22.

Dr. Aristides Spinola.—Advogado, rua do General Camara n. 36.

SEMENTES NOVAS
DE HORTALIÇA, FLORES E ETC.

NA
HORTULANEA
RUA DO OUVIDOR, 45

A NOIVA

RUA DOS OURIVES, 14

SALÃO

para pontear senhoras e cortar caballos

PERFUMARIAS, MODAS E
NOVIDADES, NINICHES e FRISKS

Ultima novidade de 18 a 59

ABEL

Cabeleireiro e professor de penteados
RIO DE JANEIRO

FABRICA DE CHUMBO

Na rua do Hospicio n. 22. Vende-se qualquer quantidade de chumbo de caça, e recebe-se encomenda.

CERVEJA PELOTAS

DA FABRICA

DE

G. RITTER & IRMÃO

22 RUA NOVA DO OUVIDOR 22

LOTERIAS DA VICTORIA

PROVINCIA DO ESPIRITO SANTO

Concedidas em beneficio da Santa Casa da Misericordia e das sociedades Beneficentes da Irmandade de S. Benedicto do Rosario e Auxiliadora

Autorisadas pelas leis n. 65 de 20 de Dezembro de 1886 e n. 34 do anno passado

4.000 BILHETES

SOMENTE

divididos em terços de custo de 900 réis cada terço
Tem duas finas, dando cada um 18000 o terço

Distribue 502 premios reaes, correspondendo a 70 % do capital

Primeiro premio **3:003\$000** Primeiro premio

Tem uma fiança do valor dos premios em apolices da divida publica geral da Estado, depositada no thesouro provincial.

As extracções são semanais e brevemente se marcará o dia da primeira

Telegrammas duas horas depois da extracção

Os portadores de bilhetes premiados que quizerem receber os na corte queiram dirigir-se à Rua do Ouvidor n. 51 1º andar, para onde poderão dirigir, por carta, ao abaixo assignado, suas encomendas.

Por procuração do thesoureiro e concessionario,

Manoel do Couto Teixeira

VICTORIA

MACHINAS PARA ARROZ

DOS SYSTEMAS MAIS APERFEIÇADOS

Orçamentos, plantas e pessoal habilitado para dirigir as fabricas, fornecem

ARENS IRMÃOS

147 RUA DA QUITANDA 147

Rio de Janeiro e em Campinas

Remettem-se catalogos illustrados com descrições em portuguez

A PAULICÉA

BRILHANTE INAUGURAÇÃO

NO DIA 1º DE MARÇO

Reabriu-se este estabelecimento com um grande e variado sortimento de FAZENDAS, MODAS, ARMARINHO, FANTASIAS E PERFUMARIAS, o que ha de mais moderno e chic, recebido directamente das FABRICAS DA EUROPA, e os proprietarios da PAULICÉA venderão todos os artigos existentes no mesmo estabelecimento, por conta das mesmas fabricas com uma pequena commissão; é a primeira casa neste genero até hoje conhecida, para isso verão as Exmas. familias a differença de preços que faz das grandes liquidacões que constantemente se fazem nesta corte.

Completo sortimento de artigos para homens.

Por absoluta falta de tempo não nos foi possível promptificar para hoje o annuncio que deve mostrar o grande sortimento sem igual desta casa, o que faremos no proximo sabbado por esta folha.

Os proprietarios, **CORRÉA & FREITAS**
SUCESSORES DE J. M. CORRÉA

A PAULICÉA

2 LARGO DE S. FRANCISCO DE PAULA 2

RIO DE JANEIRO

A PAULICÉA
REABRIR-SE NO DIA 1º DE MARÇO

A PAULICÉA
REABRIR-SE NO DIA 1º DE MARÇO